

MULHERES EXTRATIVISTAS DA ILHA DE JUBA: SEUS SABERES¹ E SUAS PRÁTICAS COTIDIANAS NA PRODUÇÃO DO AZEITE DE ANDIROBA²

Amarilis Maria Farias da SILVA³

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/UFGA

amarilishistoria@hotmail.com

Resumo: *Este artigo buscou investigar a relação entre os moradores da localidade da ilha de Juba - Cametá/PA, com a natureza, no período de tempo entre a instalação da hidrelétrica de Tucuruí, na década de 1980, até os dias atuais, a partir da realidade sociocultural das mulheres extrativistas desta localidade, objetivando investigar e reconstituir os saberes e as práticas das mulheres produtoras do azeite de andiroba, que são, na sua maioria, trabalhadoras rurais, parteiras, pescadoras e donas de casa. A metodologia utilizada foi a pesquisa de campo, com a utilização de entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas, transcritas e analisadas. Tendo*

¹ “[...] Em vez de o saber se separar, pouco a pouco, de suas raízes empíricas, ou das primeiras necessidades que o fizeram nascer, para se tornar pura especulação submetida às exigências da razão; em vez de estar ligado, em seu desenvolvimento, à constituição e à afirmação de um sujeito livre, ele traz consigo uma obstinação sempre maior; [...] o saber conclama hoje as experiências sobre nós mesmos” (FOUCAULT, 1998, p. 36).

² “Andiroba é uma árvore de uso múltiplo, podendo ser aproveitada para óleo, casca medicinal e madeira. As sementes de andiroba fornecem um dos óleos medicinais mais utilizados na Amazônia. A casca tem uso medicinal contra febre, vermes, bactérias e tumores. A madeira de andiroba possui um sabor amargo e é oleaginosa, por isso não é atacada pelos cupins nem pelos turus. [...] possui de médio a grande porte, com tronco reto que atinge 30 metros de altura e, freqüentemente, apresenta raízes em forma de tábuas (sapopemas). Ocorre em toda a bacia amazônica, América Central e África, e prefere as várzeas nas margens dos rios, embora também seja encontrada em terra firme” (SHANLEY, 2005, p. 41).

Andirobeira: (*Carapa guianensis Aubl.*) é uma árvore alta que cresce a uma altura de até 25 metros. As sementes de Andiroba fornecem um óleo amarelo com propriedades insetífugas e medicinais (CORREA, 1998).

“[...] serve no Amazonas para o mesmo que as oliveiras na Europa, dando azeite, [...] Os seus ouriços são uns bons vasos, e cada um tem mais castanhas que os da Europa. [...] este azeite, a sua custosa feitura” (DANIEL, 2004, p. 492).

“[...] para melhor se conservar nas embarcações, e preservar a estas do bicho turu, lhe juntam algum azeite de andiroba, que como já dissemos é amargodíssimo” (DANIEL, 2004, p. 538).

³ Possui Graduação em Letras, CUNTINS/Cametá; Especialista em Estudos Culturais da Amazônia, NUMA/UFGA. Atualmente é mestranda em História Social da Amazônia, IFCH/UFGA.

como referencial, para a análise, a história oral e a etno-história considerando, neste contexto, a história ambiental. A pesquisa concluiu que a prática de extração do óleo de andiroba, representa para as mulheres andirobeiras, assim como para a comunidade da ilha de Juba, uma fonte de sobrevivência e de resistência social.

Palavras-chave: *Mulheres extrativistas. Saberes. Práticas. Andiroba.*

Abstract: *This article searches for investigating the relation between the residents of the locality of Juba island- Cametá/PA and the nature, in the period of time between the construction of Tucuruí hydroelectric power station, in the decade relating to the year 1980, until the current days, from the socio-cultural reality of the extrativist women of that locality. The aim is to investigate and rebuild the knowledge and practices the women who produce andiroba oil, and most of them are rural workers, midwives, fishermen and housewives. In the dynamic of the data collect, the field research was used, and many people were heard such as members of the community and of other islands of this region of the municipality of Cametá. Through semi-structure interviews which were recorded transcribed and analysed. The oral history and the etno-history are the referential to the analysis regarding in this context, the environmental history. The research concluded that the practices of oil extract is to the women who deal cuith andiroba, as well as to the community of Juba island.2 source of survival and of social resistance.*

Keywords: *Extrativist women. Knowledge. Practices. Andiroba.*

Introdução

As sociedades tradicionais⁴ camponesas da Amazônia são observadas pelos europeus desde o processo de colonização das terras brasileiras, época em que não passavam despercebidos seus conhecimentos em relação à floresta e aos perigos que nela existem, principalmente no período chuvoso, quando há uma grande proliferação de insetos, mosquitos, cobras (DERENJI, 2003). Estes povos da floresta, índios, caboclos e mestiços, conhecem de forma singular os mistérios da floresta, e se utilizam de todo o conhecimento que acumularam em anos de observação e experiências. Uma dessas experiências cotidianas é a ação de se besuntarem com a mistura de alguns óleos vegetais, associados a tintas naturais, e com essa mistura conseguiam se livrar das picadas dos mosquitos e de outros insetos. Portanto, segundo a responsabilidade de fazer o processo de

⁴ “[...] São pequenos agricultores, quilombolas, povos indígenas, pescadores, camponeses, assentados, reassentados, ribeirinhos, povos da floresta, caipiras, lavradores, roceiros, semi-terra, agregados, caboclos, meeiros, bóia-fria, e outros grupos mais” (CALDART, 2002, p. 30).

identificação das espécies de plantas na floresta, deveria ser atribuída não ao negro, mas aos povos oriundos das matas, pois a eles cabia exercer esta atividade com precisão, competência e habilidade (REIS, 2003). Assim, os povos da floresta tiveram uma importante contribuição no processo de descoberta dos cientistas naturalistas, que andaram por várias partes do território brasileiro em busca de respostas para as suas investigações sobre o potencial da fauna e da flora da Amazônia brasileira. Na concepção de Moreira, “a habilidade dos nativos para se orientarem dentro da floresta era um ponto que despertava a admiração dos naturalistas, e da qual eles dependiam às vezes para a sua sobrevivência” (MOREIRA, 2007, p. 47).

Assim, a história da natureza traz consigo a história da humanidade. Portanto, a história ambiental, como história humanizada da natureza, é atingida diretamente pelas relações humanas. Jamais podemos pensar a natureza como algo simplesmente objetivo, porque as sociedades são marcadas pelos interesses públicos e privados que vão interferir de forma decisiva nas transformações do meio ambiente, isto é, nas transformações presentes nas relações entre os homens, as mulheres, a natureza e a sociedade (MARTINEZ, 2006).

Jamais podemos pensar natureza como algo simples e objetivo, porque as sociedades são marcadas pelos interesses públicos e privados, que vão interferir, de forma decisiva, nas transformações do meio ambiente, isto é, nas transformações presentes nas relações entre os homens, as mulheres, a natureza e a sociedade. Podemos constatar, a partir da fala do senhor Bráulio, morador da ilha de Juba-Cametá/PA, como ocorre o processo de interação do homem com a natureza: “[...] me dou muito bem com a floresta, [...] quando estou na floresta, no meu sítio, eu me sinto, amodo [parece] no paraíso, [...] me dou tão bem porque dela se tira muita coisa para sobreviver”. Assim é possível perceber por meio da fala do morador, como se realiza as relações que os homens e as mulheres das comunidades tradicionais estabelecem com a natureza, isto é, com a fauna e com a flora, constituindo, portanto, uma questão de sobrevivência. Podemos identificar que esta situação é vivenciada também pelos(as) moradores(as) da ilha de Juba-Cametá/PA, quando a moradora Socorro Teles deixa transparecer, em sua fala, a preocupação com os recursos provenientes da natureza para a sobrevivência de seu povo:

Desde a barragem de Tucuruí [1980] que agora o negócio ficou meio ruim para a gente, por causa da dificuldade da falta do peixe, do camarão, e aí a pessoa não tem condição

de sobreviver, sai muito pesado. Um pai de família que tem muitos filhos passa muita dificuldade na vida dele, porque ele não tem como sustentar o filho com que ele ganha para uma família de nove a dez pessoas. Quando não tinha barragem era tudo bacana, meu marido sala e trazia aquela quantidade [muito] de peixe.

O relato da moradora vem apenas confirmar a relação de dependência dessa comunidade ribeirinha em relação à natureza, que, de acordo com Marx (1996, p. 46), “[...] O que eles são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com o que produzem quanto com a maneira pela qual o produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção”. É neste sentido que o materialismo de Karl Marx situa o debate, partindo da lógica de que os indivíduos são fruto de suas condições materiais e de sua produção, uma vez que a natureza para eles tem vida e é matéria-prima dos recursos que contribuem para a produção de suas existências materiais e simbólicas. Esta situação torna-se evidente a partir da fala da moradora Maria Benedita – Juba/Cametá-PA:

[...] praticamente eu não me fio só no que o meu esposo me dá, eu faço a minha parte, eu vou pro mato, gapuio, eu tapo garapê, eu apanho açai, vou vender [...] eu junto azeite, bucuíba. Então eu dependo dela [da floresta – da natureza], eu tiro tudo que ela me oferece.

Esta fala reflete a relação estabelecida entre a informante e a floresta, e deixa bem claro que a floresta significa o sustento da sua família, mas também a possibilidade de retirada financeira.

A importância da floresta em pé para os moradores de Juba, acende a preocupação com os saberes da natureza e com a existência das pessoas da Ilha de Juba. Esta preocupação torna-se visível no depoimento da moradora Rute Souza, quando se refere à floresta: “A floresta tem muita importância porque é praticamente dela que tiramos o nosso sustento, como a caça, os alimentos, os remédios, o açai [que também é utilizado como fonte de renda para o sustento da família], é de onde nós tiramos o nosso sustento”. Portanto, os saberes que envolvem as águas, [rio, furos e igarapés], as terras [várzeas, terra firme] e as matas das sociedades tradicionais da Amazônia são marcados pela luta da sobrevivência social, cultural, política e ambiental dos sujeitos camponeses. Esses saberes se relacionam com a natureza, com as representações, com os imaginários

e com as memórias que gravitam a produção da existência dos homens e das mulheres amazônidas.

1 Perfil de uma comunidade ribeirinha: o caso da Ilha de Juba

A ilha de Juba possui um grande potencial extrativista, ligados à cultura tradicional, principalmente, dos remanescentes dos quilombos e dos índios. Ainda hoje se conserva na localidade de Juba, uma forma “primitiva” de propriedade de produção. Segundo Marx (1996, p. 47), este modelo de propriedade constitui, “[...] a propriedade da tribo, [...] corresponde a esse estágio de trabalho rudimentar da produção, quando um povo se alimenta da caça e da pesca [...], da agricultura. [...] a divisão de trabalho é ainda muito pouco desenvolvida e se limita à maior extensão da divisão natural do trabalho que é oferecida pela família”. Dentro desta ótica, fica evidente a responsabilidade dos homens [e das mulheres] no processo de produção de suas representações.

Os ribeirinhos⁵ que habitam tradicionalmente essa região da ilha de Juba são aproximadamente 150 famílias, que estão distribuídas ao longo do rio Tocantins, distribuídos nas imediações da localidade. O acesso para chegar à comunidade de Juba é feito por canoas a remo, barcos motorizados, denominados rabetas, e barcos comerciais, etc. Dentre esses transportes, 59% são de propriedade privada, 36%, são barcos comerciais que cobram passagem, e 5%, são pertencentes aos vizinhos. Estima-se uma hora e meia de viagem, entre a sede Cametá e a localidade de Juba, neste tipo de transporte.

A população da localidade de Juba tem uma história de luta e de participação nos movimentos sociais organizados, dentre os quais 25% das mulheres são sócias do STTR – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cametá; 34% estão associadas à Colônia dos Pescadores Z-16 Cametá; 35% participam da Comunidade Cristã; 4% fazem parte de outras associações; 1% das mulheres entrevistadas declararam fazer parte do Sindicato dos Produtores Rurais; e 1% das

⁵ “Os ribeirinhos mantêm uma atividade mista de uso de recursos [da natureza] incluindo pesca, criação de pequenos animais (galinhas, patos, porcos) e extrativismo vegetal. A importância de cada atividade na economia familiar pode variar bastante de uma família para outra, mas no geral todas dependem da pesca e do extrativismo vegetal” (COLÔNIA DOS PESCADORES Z-16 CAMETÁ, 2006, p. 30).

entrevistadas declaram-se sócias do SINTEPP. Estes dados mostram que embora as mulheres não possuam uma estrutura jurídica atuam coletivamente na luta por seus direitos.

Nos territórios das comunidades tradicionais do campo, como nas comunidades quilombolas, das mulheres parteiras, das extrativistas do óleo de andiroba, dos(das) pescadores(as) artesanais, dos(das) mateiros(as), “os domínios de saberes, perigos e magias sobre a natureza incorpora-se no imaginário [e nas suas memórias], recodificando experiências”. (ACEVEDO&CASTRO, 1998, p. 29). Uma dessas experiências está associada ao conhecimento que o ribeirinho herdou de seus ancestrais em relação ao rio, à floresta, ao movimento das marés. Saberes esses repassados de maneira informal aos filhos. Geralmente esse ensinamento ocorre entre pais e filhos por meio do processo de socialização em família.

Podemos compreender essa relação de ensino e aprendizagem entre pais e filhos, por meio de um comportamento típico dos habitantes das comunidades tradicionais ribeirinhas amazônicas, o banho de rio⁶. Prática, que herdada dos índios, e utilizada até hoje pelos moradores de comunidades que vivem as margens de rios, como é o caso dos moradores da ilha de Juba. Este momento é muito importante para a família, porque se configura em um momento de encontro, de conversas, de ensinamento, de descobertas, de repasse de informação, de higiene pessoal, de intimidade com a natureza e fundamentalmente de prazer, de lazer com a da família. Aliás, destaca-se, na referida imagem a presença de um bebê de poucos meses, no colo do pai, tomando banho junto com os outros irmãos no rio. Portanto, esta imagem reforça que a relação de homens e mulheres das sociedades tradicionais da Amazônia com a natureza começa desde cedo, pelos laços e pelos braços da família e de seus ancestrais, sendo estas relações incessantemente (re)construídas, ensinadas e aprendidas, sobretudo, em seus espaços geográficos naturais, sociais, culturais e históricos.

É importante compreendermos que a história, dentro do processo histórico se constitui, segundo as análises de Bloch (1997, p. 88) como um objeto histórico, em que “[...] a história é por natureza o homem [e mulher]. Melhor, os homens [e mulheres]”. Portanto, as práticas,

⁶ “[...] os índios e os mestiços que vivem metidos na água dos rios que chamam de igarapés. [...] Só os índios não têm medo e se sabia que nos seus lugares, [...] costumavam se banhar juntos, homens e mulheres, crianças de todas as idades” (DERENJI, 2003, p. 86-86).

as vivências, as memórias, enfim, as histórias de vida, ocorridas nos territórios ribeirinhos, quilombolas, indígenas, são constantemente (re) construídas nos fluxos do processo ininterrupto de (re) elaboração das identidades, dos laços e dos diálogos críticos às raízes dos povos com seus ancestrais e seus descendentes.

Entre as práticas comuns que as comunidades ribeirinhas desenvolveram e mantêm até os dias atuais, está realacionada ao cultivos de algumas plantas, seja para uso medicinal, seja para o consumo alimentar da família. A horta suspensa ou jirau (cantateiro como é chamado pela comunidade) funciona como uma alternativa viável para os moradores poderem cultivar suas verduras e plantas medicinais. Muitas das plantas medicinais cultivadas nos jiraus das casas da comunidade da ilha de Juba são utilizadas, juntamente com o óleo de andiroba, no preparo, no uso e no combate de algumas doenças, como baques, carganta inflamada, verme, entre outras. Neste espaço da horta, os sujeitos da comunidade cultivam outras plantas medicinais, como: mastruz, arruda, alcerim, pirarucu, alfavaca, entre outras. Mas também cultivam plantas que irão fazer parte da dieta alimentar da sua família, como mamão, cebolinha, cheiro-verde, maxixe, couve, etc.

Podemos, evidenciar nas casas dos ribeirinhos, moradores da ilha de Juba, as hortas (de plantas medicinais e de verduras da dieta alimentar). São contruídas com material totalmente reaproveitado da natureza, tendo como estrutura a madeira de açai (paxiúba), a qual é retirada por meio do processo de manejo sustentável dos açaiçais. Alguns pés de açai são retirados porque não produzem mais ou porque apresentam algum tipo de deficiência, sendo utilizados ou reaproveitados pela comunidade para se retirar o palmito e a madeira, que serve para a construção de pontes, assoalhos, jiraus, curral para os animais, banheiro da família e também constituem a base que dão estrutura às hortas. Além de fornecer a madeira, o açazeiro fornece também a matéria-prima para as hortas, que é o adubo natural, feito a partir da mistura do carroço e da madeira podre ou envelhecida do açai, misturados com terra preta, formando o adubo orgânico que ajuda a terra a produzir mais e de forma saudável. Esses saberes e práticas são utilizados por homens e mulheres camponeses, na convivência e na forma de recursos ambientais, para criar e recriar as paisagens onde vivem, por meio da utilização dos recursos naturais, garantindo a segurança alimentar de sua comunidade.

2 Cotidiano das mulheres andirobeiras: a reconstituição dos saberes⁷ entrelaçados da floresta e das águas

Entender o universo cotidiano das mulheres extrativistas do azeite de andiroba só se tornar possível com um mergulho nesta realidade local. Então decidi que iria, juntamente com dona Socorro Teles, entrar na floresta por entre os igarapés em busca de pés de andiroba nativos, planta esta que existe em quantidade considerável no terreno da propriedade da família Teles. Meu objetivo principal era tentar vivenciar esse momento, estabelecer contato com a natureza e aproveitar para fazer registros fotográficos de árvores de andiroba.

Aparentemente esta minha decisão não tinha nada de diferente, a não ser pelo fato de estar fazendo esta atividade no meio da floresta, com todos os perigos. Meia hora andando na mata inundada, [ou seja, num igarapé que corta o terreno] onde a minha anfitriã, dona Socorro gostou da idéia de ser a pessoa que me mostraria a realidade do lugar onde vive. A cada planta que passávamos, ela diminuía as remadas, para dar oportunidade de me mostrar e, ao mesmo tempo de me ensinar a reconhecer as árvores. Como uma boa mateira, localizou sem dificuldade o local onde as andirobeiras tinham maior incidência. As árvores eram grandes, bastante altas, chegando aproximadamente a 30 metros de altura. Em virtude desse fator e também porque no interior da mata a luminosidade é baixa, devido à grande concentração de árvores adultas, não foi possível fazer o registro fotográfico.

Ressalta-se que durante todo o trajeto fui sentada na parte da frente do casco, pois a pessoa que o pilota neste caso a dona Socorro, devia ir atrás, para poder facilitar a condução do transporte. Ao longo do igarapé, batemos em um galho de planta que estava caído na água e fomos surpreendidas com a queda de uma aranha caranguejeira dentro do casco. O que realmente ficou marcado, nesta experiência exploratória, foi o fato de dona Socorro expulsar do interior do casco a aranha simplesmente com uma das mãos. Mãos nuas, que de uma forma tão simples, e

374

⁷ Os saberes, representações e imaginários em relação à mata estão vinculados ao existir pessoal e em comunidade, envolvendo situações de sobrevivência, consubstanciadas na caça, no plantio, realizado no roçado com a derrubada da mata.

[...] As águas são referidas pelos rios, igarapés e fontes d'águas. A imagem do rio está associada à alimentação, ao transporte, ao lazer, à higiene, ao trabalho e às condições naturais e de vida" (OLIVEIRA&MOTA NETO, 2003, p. 58-59).

demonstrando tranquilidade de alguém que realmente conhece com o que está lidando, pois,

[...] O núcleo ambiente está representado nas suas referências ao rio, à mata, às plantações, aos insetos nocivos à plantação, aos animais pegajentos, à qualidade do solo e a outras formas imaginárias. Eles constroem, se inserem ou se apropriam de seus ambientes pautando-se por saberes acumulados e configurados por meio do trabalho agrícola, da pesca, da construção de suas roças, da extração da madeira e de outros significados simbólicos que atribuem a determinados meios e que transcendem a dimensão do trabalho, ainda que a ele esteja vinculado. [...] as formas de convivência e de apropriação dos recursos naturais, ou seja, as relações que estabeleceram com o núcleo ambiente físico-biótico são resultados de saberes tradicionais e processos histórico-culturais, e incorporam múltiplas formas, objetivos e representações (SILVA, 2003, p. 48).

Gostaria de destacar que descrevi o ocorrido com a finalidade de ressaltar que o cotidiano das mulheres andirobeiras é repleto por esses riscos, com os quais elas aprenderam a lidar com cautela, precisão e sabedoria. Pode-se constatar, a partir da situação vivenciada na ilha de Juba-Cametá/PA, como ocorre o processo de interação de homens e mulheres com a natureza. Como afirma Cristina Wolff, tal interação demonstra todo um processo de intimidade com a floresta (WOLFF, 1999), onde está visível a relação de proximidade entre as mulheres e a natureza, fruto de um processo de descoberta cotidiana e de comportamento historicamente construído pelas comunidades tradicionais camponesas das amazônias.

Esta relação que homens e mulheres da comunidade ribeirinha da ilha de Juba estabelecem com a fauna e com a flora está diretamente relacionada com as questões de sobrevivência. Fato este observado no relato da moradora Socorro Teles, quando deixa aparecer, em seu discurso, a preocupação com o esgotamento dos recursos naturais na sua comunidade, o que irá dificultar e poderá até comprometer a sobrevivência de sua família e de seu povo.

[...] Desde a barragem de Tucuruí que agora o rio não ficou meio ruim para a gente, por causa da dificuldade de falta do peixe, do camarão e aí a pessoa não tem condição de sobreviver, sai muito pesado. Um pai de família que tem

...muitos filhos, passa muita dificuldade na vida dele, porque ele não tem como sustentar o filho com que ele ganha, para uma família de nove a dez pessoas. Quando não tinha barragem era tudo bacana, meu marido saía e trazia aquela quantidade [muito] de peixe.

Observa-se, a partir da fala desta entrevistada, o acúmulo de conhecimento que detém da realidade em que se encontra e do poder de análise conjuntural desses mesmos sujeitos em relação à natureza e ao espaço em que vivem. Informações estas imprescindíveis para a sobrevivência da comunidade de Juba, que está diretamente relacionada aos conhecimentos históricos acerca dos saberes que envolvem as águas, as terras e as matas, herança de seus ancestrais amazônidas. Estas informações sobre a natureza fazem parte da observação e da luta cotidiana pela sobrevivência social, cultural, política e ambiental dos sujeitos camponeses. São saberes que se relacionam com a natureza, com as representações, com o imaginário e com as memórias que gravitam a produção da existência dos homens e das mulheres [Jubenses] amazônidas. Aliás, a constante preocupação com o meio em que vivem e com os saberes relacionados com a natureza e com a produção da existência das pessoas da ilha de Juba é reforçada por meio do relato de dona Rute Souza, moradora deste local, ao se referir à floresta:

[...] a floresta tem muito importância porque é praticamente dela que tiramos o nosso sustento, como a caça, os alimentos, os remédios, o agá [que representa uma das principais fonte de renda para as famílias], é de onde nós tiramos o nosso sustento.

Para Marx, “o que eles são coincide, portanto, com a sua produção, tanto com o que produzem quanto com a maneira pela qual o produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais de sua produção” (MARX, 1996, p. 46). É neste sentido que o materialismo de Karl Marx situa o debate, partindo da lógica de que os indivíduos são fruto de suas condições materiais e de sua produção. Uma vez que a natureza para eles tem vida e é matéria-prima dos recursos que contribuem na produção de suas existências materiais e simbólicas. Esta situação torna-se evidente, a partir da fala da moradora Maria Benedita – Juba/Cametá-PA:

[...] praticamente eu não me fio só no que o meu espaço me dá, eu faço a minha parte, eu vou pro mato, gapuio, eu topo gapuio, eu apanho açai, vou vender [...] eu junto azeitão [são as sementes de andiroba], bacaba. Então eu dependo dela [da floresta-natureza], eu tiro tudo que ela me oferece.

Esta fala reflete a relação que a moradora da localidade estabeleceu com a floresta, e deixa bem claro que a floresta significa o sustento da sua família. Mostra também a possibilidade de retirada financeira, exercendo a função de grande mantenedora da família. Na maioria das vezes os sujeitos vêem a natureza como uma poupança, que sempre existe se encontra em situação financeira estável, recorrendo a ela para suprir as suas necessidades, e de suas famílias. A fala também aponta às diversas formas utilizadas pela informante de retirar o seu sustento, seja pela prática do gapuio⁸ ou pela tapagem do igarapé, que garantirá o acesso ao peixe, ao camarão, à arraia; seja pela coleta e venda das sementes florestais. O fato é que as mulheres extrativistas encontram sempre uma forma ecologicamente sustentável de retirar da natureza o alimento, a lenha, o remédio e o que mais for necessário para as suas famílias, sem agredir o meio ambiente, conservando a floresta para as outras gerações que virão.

A importância da floresta em pé⁹ para os moradores de Juba acende a preocupação tanto com a conservação e com a preservação ambiental da mata, dos saberes relacionados à natureza, quanto com a existência vital e material das pessoas. Esta preocupação torna-se visível no relato de dona Rute Souza, para quem

⁸ “[Esta técnica de pesca artesanal é muito utilizada nas comunidades tradicionais do campo]. Na gapuia se reúne três, quatro pessoas [...]. Gapuia é misturado homem e mulher. Pega mais peixe na gapuia. Escolhe um poço que tem peixe (igarapé), coloca pau na frente e atrás e enche de barro, areia, e, seca com a musumiba (termo que significa curuatá, uma espécie de involúcro que recobre o cacho em flor da bacabeira, o qual é usado para apanhar e jogar a água por cima da mococa ou barragem)” João Lucas-Povoado de Lagunho-Cametá (PINTO, 2004, p. 76).

⁹ [...] a idéia da “floresta em pé”, que é a cobertura vegetal mais ou menos contínua, mantendo-se estruturalmente como floresta, mas depauperada de parte de sua fauna e flora. [...] Na verdade, a “floresta em pé” pode ser qualquer coisa, desde a floresta íntegra a uma mata depauperada, ou até mesmo um bosque de eucaliptos. [...] jargão “floresta em pé” é que ele tem um grande [...] efeito multiplicador no caldo de cultura pútrido que é o debate em torno da devastação/conservação da floresta amazônica (SALM, 2007).

A floresta tem muita importância, porque é praticamente dela que tiramos o nosso sustento, como a caça, os alimentos, os remédios, o açai [que também é utilizado como fonte de renda para o sustento da família], é de onde nós tiramos o nosso sustento.

No relato da moradora, é possível constatar que nas famílias da ilha de Juba as mulheres extrativistas trabalham com o beneficiamento artesanal da andiroba. Árvore esta encontrada no norte da Amazônia. A andiroba é empregada há mais de um século pelas mulheres extrativistas como cicatrizante, principalmente, em ferimentos causados por picadas de cobra, aranha, escorpião, insetos, além de seu óleo ser utilizado para caropes, no tratamento contra a caspa e o piolho. Assim, esses saberes, pertencentes às comunidades tradicionais da Amazônia, permeiam o universo das práticas cotidianas destas comunidades. Entre essas práticas, está a utilização dos recursos naturais florestais por esses sujeitos que ocupam o território amazônico.

Conclusão

Conclui-se que os saberes vivenciados pelas mulheres andirobeiras da ilha de Juba-Cametá/PA, que atravessam suas práticas cotidianas em comum acordo com as relações que elas estabelecem com a natureza, representam uma forma de resistência social e cultural dessa comunidade. Tal realidade pode ser constatada no relato de Maria Benedita, habitante daquela localidade quando esta descreve o processo de retirada do azeite de andiroba, atividade esta historicamente vivenciada pelas mulheres jubenses:

A gente vai pro mato para juntar as sementes que estão debaixo das árvores e traz no panelo de costão, [...] espera a água crescer, trás no casco para poder [...], tirar o óleo. Bota para cozer, espera quarenta dias, retira da casa a massa; se ela não tiver no ponto de escorrer o óleo, a gente deixa no panelo pega algumas folhas e coloca de fusão no panelo até ela brilhar. Quando estiver brilhosinha, a gente coloca na tábua para amassar, para ela escorrer aquele azeite.

No relato da moradora, identificamos os passos dados por ela no processo de produção do azeite de andiroba, detalhando a atividade trabalhada. Este processo de extração do azeite de andiroba tem início



com a coleta da semente da andirobeira que é feita de duas formas: com a maré baixa, as crianças e as mulheres vão juntar as sementes no mata; e de maré alta, quando a coleta é feita de canoa no rio. Esse trabalho é perigoso devido ao risco que apresenta a quem o desempenha, pois tanto no rio quanto na mata há a possibilidade de contato com bichos e insetos peçonhentos. Essa preocupação fica evidente na fala da moradora Maria Benedita, da ilha de Juba, quando diz: “[...] a gente vai pro mata pra juntar as sementes que estão debaixo da árvore e traz no manguito [costa] ou espera a água crescer e traz do casco [por causa dos riscos de alguns bichos e insetos ferrarem a gente, uma cobra, uma aranha]. A outra forma de coletar sementes de andiroba acontece no rio, e com o auxílio de um pugá⁸⁰, no período de maré baixa ou vazante. É feito por mulheres, homens e crianças. Nesta modalidade de coleta, há vários riscos para os coletores e coletoras, uma vez que as sementes de andiroba vêm misturadas ao “lixo” (folhas secas, pedaços de plantas, caracos que flutuam, e até fruta de buritizeiro) que a maré vazante traz. Há incidência de insetos venenosos e até mesmo de cobra, no meio ao lixo, provocando acidentes aos coletores.

Após a coleta e a seleção das sementes, as mulheres deixam a maré vazar, para fazerem no quintal da casa, um fogo para colocarem o tacho com água para ferver e cozinhar as sementes de andiroba, até que elas estejam amolecidas. No processo de beneficiamento do azeite de andiroba, todo o trabalho é exercido de forma manual e artesanal. Acontecendo de forma lenta, cuidadosa, trabalhosa e arriscada, uma vez que, as sementes são cozidas em grande quantidade, aumentando o perigo de acidentes com queimaduras. Nesta atividade, as mulheres costumam ficar em torno de quatro a cinco horas por dia, a cada vinte dias de intervalo entre a coleta das sementes e o processo de cozimento das sementes. Após o cozimento das sementes, parte-se para o processo de armazenamento das amêndoas cozidas em paneiros de talas cobertos com palha de bananeira ou em sacolas de polipropileno, onde ficaram por aproximadamente quarenta e cinco dias (FIGUEIRA, 2005).

Após esse período de descanso das sementes cozidas, as mulheres, acompanhadas por suas filhas, noras e netas, passam a retirar a massa da amêndoa do interior da castanha, formando uma grande massa, que

⁸⁰Segundo Eleonora Figueira “[...] pugá, confeccionado pelos próprios coletores: espécie de cesta em formato redondo, feita com tiras de mirim, fixada na extremidade de uma longa” (FIGUEIRA, 2005, p. 63).

posteriormente será depositada na masseira, para ser pisoteadas por uma das mulheres que fazem parte do processo de beneficiamento do azeite de andiroba. Enquanto se dedicam à tarefa de depurar o óleo, fazem bolas e depositam em uma tábua (feita a partir de um tronco de árvore, que já está previamente forrada com talas de miritizeiros, para receberem as bolas de massa de andiroba). O bagaço restante elas queimam para afugentar os mosquitos, pois essa fumaça funciona como uma espécie de repelente natural. As mulheres extraem o óleo de andiroba para terem em casa como remédio, para fazerem sabão de cacau ou venderem para atravessadores.

RESULTADOS DA PESQUISA

Dentre os resultados empíricos identificados e sistematizados na pesquisa de campo, está o processo de reconstituição metodológica dos passos referentes ao processo de beneficiamento do azeite de andiroba, processo este construído a partir dos relatos das mulheres andirobeiras. São saberes vivenciados na ilha de Juba-Cametá/PA, perpassados nas práticas cotidianas, de comum acordo com as relações que estabelecem com a natureza. Para Rute Teles, moradora da ilha de Juba, o processo de interação do homem com a natureza ocorre quando o homem ou a mulher se sente parte dela, “[...] a água tem muita importância porque sem o rio, como era que agente ia viver? Eu preciso muito dele, pois vou de casco para aula”. Fica evidente, na fala desta entrevistada, o nível de importância e de dependência da população ribeirinha com os recursos naturais.

Portanto, preservar a floresta representa, para esses sujeitos da comunidade da ilha de Juba, a possibilidade de conservação de suas práticas e de seus saberes historicamente construídos ao longo dos anos, em relação às águas, [de rios, furos e igarapés], às terras [de várzeas, terra firme] e à floresta. Saberes estes pertencentes às sociedades tradicionais da Amazônia, que são marcados pela luta da sobrevivência social, cultural, política e ambiental de sujeitos [mulheres, homens, crianças, jovens e idosos] camponeses da região Tocantina, município de Cametá, localidade da ilha de Juba. Estes saberes e estas práticas cotidianas das populações do município de Cametá, especialmente, a das mulheres extrativistas da ilha de Juba, são construídos cotidianamente nas relações com a natureza ao longo dos anos e na luta pela manutenção desses saberes e dessas práticas, pois a [natureza] é a fonte primeira de sobrevivência para as populações ribeirinhas.

Fontes Orais:

Maria do Socorro, Juba-Cametá/PA – 2006.

Maria Benedita, Juba-Cametá/PA – 2007.

Rute Souza, Juba-Cametá/PA – 2007.

REFERÊNCIAS

ACEVEDO, R. & CASTRO, E. **Negros do Trombetas: guardiães de matas e rios**. 2ª ed. Belém: CEJUP/UFPA/NAEA, 1998.

BLOCH, M. **Introdução à História**. Lisboa: publicações Europa-América, 1997, p. 75-102.

CALDART, R. S. Por uma educação no campo: traços de uma identidade em construção. *In*: KOLLING, E. J., CERIOLI, P. R.; CALDART, R. S. (Org.). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas**. 2ª ed. São Paulo, 2002. (Coleção por uma educação do campo).

COLÔNIA de PESCADORES Z-16 de Cametá. **Acordos de Pesca: uma alternativa econômica e organizacional**. Cametá: PDA, 2007.

CORREA, P. **Dicionário de Plantas Úteis do Brasil e Exóticas Cultivadas**. vols. 1-6. Brasília: IBDF, 1984 (Taylor, Leslie. *Herbal Secret's of the Rainforest*, Prima Publishing, Inc., 1998).

DANIEL, J. 1722-1776. **Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas**, v.1. Padre João Daniel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

DERENJI, J. da S. **Relato do Crepúsculo**. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2003.

FIGUEIRA, E. M. M. **Resistência e Permanência das Comunidades na Atividade de Extração de Óleo de Andiroba: o caso da Ilha de Juba em Cametá-PA**. Mestrado em Sociologia. Belém: CFCH/UFPA, 2005.

FONSECA, N. M. L. A história oral no museu da Escola de Minas Gerais: relato sobre o caminho percorrido. *In*: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias: questões para a história da educação**. Campinas: Universidade de São Francisco, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

MARTINEZ, P. H. **História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino**. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção questões da nossa época; v. 130).

MARX, K. "Fundamentos da história" e "Condições históricas da reprodução social". *In*: IANNI, O. (Org.) **Marx, Sociologia**. São Paulo: Ática, 1996, p. 45-73.

MOREIRA, I. de C. Saber nativo: o conhecimento empírico de índios, escravos e colonizadores. *In*: **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Agosto, ano 2, nº. 23, 2007.

OLIVEIRA, I. A. de; MOTA NETO, J. C. da. Saberes da terra, da mata e das águas, saberes culturais e educação. *In*: OLIVEIRA, I. A. de (Org.). **Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE/UEPA, 2003.

PINTO, B. C. de M. **Nas Veredas da Sobrevivência: memória, gênero e símbolos de poder feminino em povoados amazônicos**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

REIS, A. C. F. O negro na empresa colonial dos portugueses na **Amazônia**. Congresso Internacional de História dos Descobrimentos. ACTAS, v. V, parte II, Lisboa, 1961.

SHANLEY, P. **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica**. Patricia Shanley, Gabriel Medina; ilustrado por Silvia Cordeiro, Antônio Valente, Bee Gunn, Miguel Imbiriba, Fábio Strympl. Belém: CIFOR/Imazon, 2005.

SALM, R. Floresta em Pé. **Jornal Ciência/SBPC**, e-mail 3203, de 12 de Fevereiro de 2007.

SILVA, M. das G. da. Trabalho, saberes, identidades e tradições nas comunidades rurais-ribeirinhas. *In*: OLIVEIRA, I. A. de (Org.). **Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE/UEPA, 2003.

WOLFE, C. S. **Mulheres da Floresta: uma história**. Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.